

II

LAGRIMAS E SACRIFICIOS

A prisão que recebera os nossos personagens, em Corinto, era um velho casarão de corredores húmidos e escuros, mas a sala destinada aos três, conquanto desprovida de qualquer conforto, apresentava a vantagem de uma janela gradeada, que comunicava o ambiente desolado com a natureza exterior.

Jochedeb estava cansadíssimo e, servindo-se do manto que apanhara ao acaso, ao retirar-se, Jeziél improvisou-lhe um leito sobre as lajes frias. O velho, atormentado por uma aluvião de pensamentos, descansava o corpo dolorido, entregue a penosas meditações sobre os problemas do destino humano. Sem saber externar suas dores pungentes, engolfara-se em angustioso mutismo, evitando o olhar dos filhos. Jeziél e Abigail aproximaram-se da janela segurando-lhe as grades inflexíveis e, abafando, com dificuldade, a justa inquietação. Ambos olharam, instintivamente, o firmamento cuja imensidade sempre resumiu a fonte das mais ternas esperanças para os que choram e sofrem na Terra.

O jovem abraçou a irmã, com imensa ternura, e disse comovido:

— Abigail, lembra-te da nossa leitura de ontem?

— Sim — respondeu ela com a ingenua serenidade dos seus olhos negros e profundos — tenho agora a impressão de que os Escritos nos davam uma grande mensagem, pois nosso ponto de estudo foi justamente

aquele em que Moisés contemplava, de longe, a terra da Promissão sem poder alcançá-la.

O rapaz sorriu satisfeito por sentir-se identificado nos seus pensamentos e confirmou:

— Vejo que estamos de perfeito acôrdo. O céu, esta noite, oferece-nos a perspectiva de uma pátria luminosa e distante. Lá, — continuava apontando o zimbório estrelado — organiza Deus os triunfos da verdadeira justiça; dá paz aos tristes; conforto aos desalentados da sorte. Certamente, nossa mãe está com Deus, esperando por nós.

Abigail mostrou-se muito impressionada com as palavras do irmão e acentuou:

— Estás triste? Ficaste agastado com o proceder de nosso pai?

— De modo algum — atalhou o moço aflagando-lhe os cabelos — nós estamos em experiências que devem ter a melhor finalidade para a nossa redenção, porque, de outro modo, Deus não no-las mandaria.

— Não nos aborrecamos com o pai — tornou a jovem, — estive pensando que se a mamãe estivesse conosco, ele não chegaria ás reclamações de tão tristes consequencias. Nós não temos aquele poder de persuasão com que ela, carinhosa sempre, iluminava a nossa casa. Lembra-te? Sempre nos ensinou que os filhos de Deus devem estar prontos para a execução das divinas vontades. Os profetas, por sua vez, nos esclarecem que os homens são varas no campo da criação. O Todo Poderoso é o lavrador e nós devemos ser os galhos floridos ou frutíferos, na sua obra. A palavra de Deus nos ensina a ser bons e amáveis. O bem deve ser a flor e o fruto, que o céu nos pede.

Nessa altura, a bela criança fez uma pausa significativa. Seus grandes olhos estavam velados por um tenue véu de pranto, que não chegava a cair.

— Entretanto, continuou emocionado o irmão carinhoso: sempre desejei fazer algum bem, sem jamais o conseguir. Quando nossa vizinha enviuvou, quis auxiliá-la com dinheiro, mas não o possuía; sempre que me surge uma oportunidade de abrir as mãos, tenho-as

pobres e vasia. Então, agora, penso que foi util a nossa prisão. Não será uma felicidade podermos sofrer alguma cousa por amor de Deus, neste mundo? Quem nada tem, inda possui o coração para dar.

— E eu estou convicta de que o Céu nos abençoará pela nossa resolução em servi-lo com alegria.

O rapaz aconchegou-a ao peito e exclamou:

— Deus te abençoe pelo entendimento das suas leis, irmãzinha!

Longa pausa estabelecera-se entre ambos, enquanto mergulhavam no infinito da noite clara os olhos ternos e ansiosos.

Em dado instante, voltou a jóvem a considerar:

— Por que será que os filhos de nossa raça são perseguidos em toda parte, provando injustiças e sofrimentos?

— Suponho, respondeu o moço — que Deus o permite a exemplo do pai amoroso que, para educar os filhos mais jóvens e ignorantes, toma como base os filhos mais experientes. Enquanto os outros povos amortecem suas fôrças na dominação pela espada, ou nos prazeres condenaveis, nosso testemunho ao Altissimo, pelas dores e amarguras, multiplica em nosso espírito a capacidade de resistencia, ao mesmo tempo que os outros homens aprendem a considerar, com o nosso esfôrço, as verdades religiosas.

E, fixando o olhar sereno no firmamento, acrescentou:

— Mas eu creio no Messias Redentor, que virá esclarecer todas as cousas. Os profetas nos afirmam que os homens não o compreenderão; entretanto, ele ha-de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres, iluminará o povo de Israel, levantará os tristes e oprimidos, tomará, com amor, todos os que padecem no abandono do coração. Quem sabe, Abigail, estará êle no mundo, sem o sabermos? Deus opera em silencio e não concorre com as vaidades da criatura. Temos fé e a nossa confiança no céu é uma fonte de fôrça inextinguível. Os filhos da nossa raça muito têm padecido.

mas Deus saberá porque, e não nos enviaria problemas de que não necessitassemos.

A jóvem pareceu meditar longamente e obtemperou, depois de alguns instantes:

— E já que falamos em sofrimentos, como deveremos esperar o dia de amanhã? Prevejo grandes contrariedades no interrogatorio e, a-final, que farão os juizes de nosso pai e de nós proprios?

— Não deveremos aguardar senão desgostos e decepções, mas não esqueçamos a oportunidade de obedecer a Deus. Quando experimentou a ironia de sua mulher, nas desditas extremas, Jób teve a boa lembrança de que, se o Criador nos dá os bens para nossa alegria, pode enviar-nos igualmente os dissabores para nosso proveito. Se o papai fôr interpelado, direi que fui eu o autor do delito.

— E se te flagelarem por isso? — perguntou ela de olhos ansiosos.

— Entregar-me-ei ao flagicio com a paz da consciencia. Se estiveres junto de mim, nesse instante, cantarás comigo a prece dos que se encontram em aflição.

— E se te matarem, Jeziél?

— Pediremos a Deus que nos proteja.

Abigail abraçou mais ternamente o irmão, que, por sua vez, dissimulava a custo a emoção que lhe ia nalma. A irmã querida constituira sempre o tesouro afetivo de toda a sua vida. Desde que a morte lhes arrebatara a genitora, dedicara-se á irmã, com todas as véras do coração. Sua vida pura dividia-se entre o trabalho e a obediencia ao pai; entre o estudo da lei e a afeição á meiga companheira da infancia. Abigail contemplava-o, ternamente, enquanto ele a abraçava com o enlêvo da amizade pura, que reúne duas almas afins.

Depois de meditar longos minutos, Jeziél falou comovido: — Se eu morrer, Abigail, has de prometer-me seguir á risca aqueles conselhos da mamãe, para que tivéssemos a vida sem mácula, neste mundo. Lembrar-te-ás de Deus e da nossa vida de trabalho santificador, e nunca ouvirás a voz das tentações que arrastam as criaturas á quéda nos abismos do caminho. Recordas-

te das últimas observações da mamãe no leito da morte?

— Se recorde — respondeu com uma lágrima. Tenho a impressão de ouvir ainda as suas últimas palavras: “e vocês, meus filhos, amarão a Deus acima de tudo, de todo coração e de todo entendimento.”

Jeziél sentiu os olhos húmidos, com aquelas recordações, e murmurou:

— Feliz de ti que não esqueceste.

E como quem desejava mudar o rumo da conversa, acrescentou sensibilizado:

— Agora é indispensável que descanses.

Embora a irmã se recusasse ao repouso, tomou-lhe o manto humilde, improvisou um leito á luz baça do luar que penetrava pelas grades e, osculando-lhe a fronte com significativa ternura, advertiu afetuosamente:

— Descansa, não te impressões com a situação, nosso destino pertence a Deus.

Abigail, para lhe ser agradável, aquietou-se como pôde, enquanto ele aproximou-se da janela, por contemplar a beleza da noite polvilhada de luz. Seu coração, moço atufava-se de angustiosas cogitações. Agora que o pai e a irmãzinha repousavam na sombra, dava curso ás idéias profundas que lhe empolgavam o espírito generoso. Buscava, ansiosamente, uma resposta ás interrogações que mandava ás estrelas distantes. Esperava, com sinceridade e confiança, no seu Deus de sabedoria e misericórdia, que os pais lhe haviam dado a conhecer. A seus olhos, o Todo-Poderoso sempre fôra infinitamente justo e bom. Ele que esclarecera o progenitor e consolara a irmãzinha, perguntava também, por sua vez, dentro de si, o porquê das suas provas dolorosas. Como se justificava, por causa tão comesinha, a prisão inesperada de um ancião honesto, de um homem trabalhador e de uma criança inocente? Que delito irreparável haviam praticado para merecer expiação tão penosa? O pranto correu-lhe copioso ao relembrar a humilhação da irmã, mas também não procurou enxugar as lágrimas que lhe inundavam o rosto, de maneira a esconde-las de Abigail, que talvez o observasse na sombra. Rememorava, um a um, todos os ensinamentos

dos Escritos Sagrados. As lições dos profetas consolavam-lhe a alma ansiosa. Entretanto, vagava-lhe no coração uma saudade infinita. Lembrava-se do carinho materno que a morte lhe arrebatara. Se presente áquele transe, a mãe saberia como confortá-los. Quando criança, nas suas pequenas contrariedades, ela ensinava que, em tudo, Deus era bom e misericordioso; que, nas enfermidades corrigia o corpo e nas angústias da alma esclarecia, iluminava o coração; no desfile das reminiscências, considerava igualmente que ela sempre o incitara á coragem e á alegria, fazendo-lhe sentir que a criatura convicta da paternidade divina, anda no mundo fortalecida e feliz.

Edificado na fé, cobrou ânimo e, depois de longas reflexões, aquietou-se na lage fria, procurando o repouso possível, no silêncio augusto da noite.

O dia amanheceu prenhe de lugubres expectativas.

Dentro de poucas horas, Licínio Minúcio rodeado de numerosos guardas e afeiçoados, recebeu os prisioneiros na sala destinada aos criminosos comuns, onde se ostentavam alguns instrumentos de punição e suplicio.

Jochedeb e os filhos traíam na palidez do semblante a emoção profunda que os dominava.

Os costumes da época eram excessivamente deshumanos para que o juiz implacável e a maioria dos circunstantes se inclinassem á comiseração pelo seu aspecto desditoso.

Alguns esbirros perfilavam-se junto dos potros de castigo, de onde pendiam açoites e algemas impiedosos.

Não houve interrogatório, nem depoimento de testemunhas, como seria de esperar, antes de providencias tão odiosas, e, chamado rudemente pela voz metálica do legado, o velho judeu aproximou-se vacilante e trêmulo:

— Jochedeb — exclamou o algoz impassível e sa-nhudo — os que desacatam as leis do Império devem ser punidos de morte, mas eu procurei ser magnânimo, em consideração á tua velhice desamparada.

Um olhar de angustiada espectação transfigurou o rosto do acusado, enquanto o patricio esboçava um sorriso ironico.

— Alguns operarios lá da herdade — continuou Licínio — viram-te as mãos perversas na tarde de ontem, quando incendiaste as pastagens. Esse ato redundou em sérios prejuizos para os meus interesses, além de ocasionar males talvez irreparaveis á saúde de dois servos mui prestimosos. Como nada tens de teu para compensar o dano causado, receberás o justo corretivo em flagelações, para que nunca mais venhas a erguer tuas garras de abutre contra os interesses romanos.

Sob olhar angustiado e lacrimoso dos filhos, o velho israelita ajoelhou-se e murmurou:

— Senhor, por piedade!

— Piedade? — berrou Minúcio com rispidez. — Cometes um crime e imploras favores?! Bem se diz que tua raça se compõe de vermes asquerosos e despreziveis.

E, designando o tronco, disse friamente a um dos sequazes:

— Pescêno, avia-te! Vergasta-o vinte vezes.

Ante a muda aflicção dos jóvens, o respeitavel ancião foi solidamente algemado.

O castigo ia começar quando Jeziél rompendo a expectativa geral, aproximou-se da mesa e falou com humildade:

— Questor ilustríssimo, perdoai minha covardia de haver calado até agora; saiba, porém, que meu pai está sendo acusado injustamente. Fui eu quem incendiou os terrenos de vossa propriedade, perturbado pela sentença de confisco exarada contra nós. Dignai-vos, pois, liberta-lo e dar-me a mim a merecida punição. Aceita-la-ei de bom grado.

O patricio teve um lampejo de surpresa nos olhos frios, que se caracterizavam por mobilidade extrema, e acentuou:

— Mas, não auxiliaste os meus homens a salvar uma parte das termas? Não foste o primeiro a medicar Ruffilio?

— Assim fiz levado pelo remorso, ilustríssimo —

retrucou o rapaz, ansioso por isentar o pai do suplicio iminente — quando vi a extensão do fogo comunicando-se as árvores, temi as consequências do ato praticado, mas, agora confesso ter sido o seu autor.

Nesse interim, receioso pela sorte do filho, Jochedeb exclamou intimamente atormentado:

— Jeziél, não te inculpes por uma falta que não cometeste!...

Mas, pontilhando as palavras com extrema ironia, o legado replicou dirigindo-se ao moço hebreu:

— Está bem: poupei-te até agora, baseado nas falsas informações que me deram a teu respeito; contudo, terás tambem o teu quinhão de disciplina indispensavel. Teu pai pagará pelo crime em que foi visto, de maneira inequivavel; e tú pagarás pelo que confessaste espontaneamente.

Colhido de surpresa pela decisão que não esperava, Jeziél foi conduzido ao poste de tortura, frente a angústia paterna. A seu lado, postou-se o companheiro de Pescênio, que o atou sem piedade aos élos de bronze, e as primeiras vergastadas começaram a lamber-lhes o dorso, impiedosas, isócronas.

Uma... duas... três...

Jochedeb revelava profunda debilidade, vendo-se-lhe o peito a arfar penosamente, ao passo que o filho demonstrava tolerar o suplicio com heroísmo e nobre serenidade; ambos de olhos fixos em Abigail, que os contemplava excessivamente pálida, entremostrando nas lágrimas ardentes que derramava, o cruciante martírio do seu espírito afetuoso.

A punição terrível ia quasi a meio, quando um mensageiro entrou no recinto e, em voz alta, annunciou ao legado, em tom solene:

— Ilustríssimo, portadores de vossa casa participam que o servo Ruffilio acaba de falecer.

O patricio cruel franziu o sobrólho como costumava fazer nos momentos de explosão colérica. Sentimentos rancorosos afloraram-lhe á face, que a perversidade do egoismo exacerbado vincara de traços indeléveis.

— Era o melhor dos meus homens — bradou. Es-

tes judeus malditos pagarão muito caro esta afronta.

Trovejante, falou ao verdugo de Jeziél:

— Filócrio, aplica-lhe mais vinte vergastadas e, em seguida, leva-o á prisão, de onde deverá seguir para o cativoiro nas galeras.

Entre as pobres vítimas e a jóvem aflita, trocou-se um olhar de significação intraduzível. Aquele cativoiro era a ruína e a morte; contudo, ainda não se haviam recobrado da cruel surpresa, quando o juiz inexorável prosseguiu:

— Quanto a ti, Pescênio, renova a tarefa. Esse velho, criminoso e sem escrúpulos, pagará a morte do meu fiél servidor. Golpêia-lhe as mãos e os pés até que fique impossibilitado de caminhar e praticar o mal.

Ante a sentença iniqua, Abigail caiu de joelhos, em preces ardentes. Do peito do irmão escapavam fundos suspiros, nevoando-se-lhe os olhos de lágrimas dolorosas, ao conjecturar a inexorável desdita da irmãzinha, enquanto o pai lhes buscava ansiosamente o olhar, receoso da hora extrema.

As vergastadas continuavam sem trégua, mas, de uma feita, Pescênio não conseguira equilibrar-se e a ponta aguçada de bronze do açoite, lanhou fundo a garganta do pobre israelita, jorrando o sangue em borbotões. Os filhos compreenderam a gravidade da situação e entreolharam-se ansiosos. Em preces de sublimado fervor, Abigail dirigia-se a Deus, áquele Deus terno e amoroso que sua mãe lhe ensinara a adorar. Filócrio concluiu a sua empreitada. A frente de Jeziél erguia-se a custo, exibindo pastoso suor tismado de sangue. Os olhos fixavam-se na irmã muito amada, mas, em todo o seu aspecto deixava transparecer profunda fraqueza, que lhe anulava as ultimas resistencias. Incapaz de definir os proprios pensamentos, Abigail repartia sua atenção angustiada com o pai e o irmão; todavia, em breves instantes, ao fluxo incessante do sangue que corria abundante, Jochedeb deixou pender, para sempre, a cabeça alvejada de cabelos brancos. O sangue alagara as vestes e empastava-se-lhe nos pés. Sob o olhar cruel do legado, ninguém ousou articular

palavra. Apenas o rumor do açoite cortando o ambiente morno da sala, quebrava o silencio num silvo singular. Mas, notaram que do peito da vítima ainda se escapavam palavras confusas, das quais sobressaíam as carinhosas expressões:

— Meus filhos, meus queridos filhos!...

A jóvem talvez não pudesse compreender que chegara o extremo instante, mas Jeziél, nada obstante o terrível sofrimento daquela hora, tudo compreendeu e, num esforço profundo gritou para a irmã.

— Abigail, papai está expirando; tem coragem, confia... Não posso acompanhar-te na oração... mas faze por todos nós... a prece dos aflitos...

Dando mostras de fé invejável em tão amarguradas circunstancias, a jóvem, de joelhos, fixou longamente o velho pai cujo peito já não arfava; depois, erguendo os olhos ao alto, começou a cantar com voz trêmula, porém harmoniosa e cristalina:

“Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consôlo de toda a dôr,
Embora a miseria amarga
Dos prantos de nosso êrro,
Deste mundo de destêrro
Clamamos por vosso amor!

Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
E' o bem que não cessará.
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.”

Suas expressões vocais enchiam o ambiente de sonoridade indefinível. O canto semelhava-se mais a um gorgeio de dôr de um rouxinól que cantasse, ferido,

numa alvorada de primavera. Tão grande, tão sincera revelava-se-lhe a fé no Todo-Poderoso, que sua atitude geral era a de uma filha carinhosa e obediente, comunicando-se com o pai silencioso e invisível. O pranto perturbava-lhe a voz trêmula, mas repetia, com desasombro a prece aprendida no lar, com a mais formosa expressão de confiança no Altíssimo.

Penosa emoção apossara-se de todos. Que fazer com uma criança cantando o suplicio dos seus entes amados e a crueldade dos seus verdugos? Soldados e guardas presentes mal dissimulavam a emoção. O proprio questor parecia imobilizado, como que submetido a enfadonho mal-estar. Abigail, estranha á perversidade das criaturas, suplicando o amparo do Onipotente, não sabia que o cantico era inutil á salvação dos seus, mas que despertaria a comiserção pela sua inocência, ganhando-lhe, assim, a liberdade.

Recobrando alento e percebendo que a cena ferira a sensibilidade geral, Licínio esforçou-se por não perder a dureza de espirito e recomendou a um dos velhos servidores, em tom imperioso:

— Justino, leva esta mulher para a rua e solta-a, mas que não cante mais, nem mesmo uma nota!

Diante da ordem retumbante, Abigail não terminou a oração, emudecendo instantaneamente, como se obedecesse a estranho estacato.

Lançou ao cadaver ensanguentado do pai um olhar inesquecível e, logo contemplando o irmão ferido e algemado, com quem trocava as mais intimas impressões na linguagem dos olhos doridos e ansiosos, sentiu-se tocada pela mão calosa de um velho soldado que lhe dizia em voz quasi áspera:

— Acompanha-me!

Ela estremeceu; todavia, endereçando a Jeziél o derradeiro e significativo olhar, seguiu o preposto de Minúcio, sem resistencia. Após de atravessar inumeros corredores húmidos e sombrios, Justino modificando sensivelmente a voz, deu-lhe a perceber extrema simpatia por sua figura quasi infantil, murmurando-lhe ao ouvido comovidamente:

— Minha filha, tambem sou pai e compreendo o teu martírio. Se queres atender a um amigo, escuta o meu conselho. Foge de Corinto a toda pressa. Vale-te deste instante de sensibilidade dos teus verdugos e não voltes aqui.

Abigail cobrou algum animo e sentindo-se encorajada por aquela simpatia imprevista, perguntou extremamente perturbada:

— E meu pai?

— Teu pai descansou para sempre — murmurou o generoso soldado.

O pranto da jóvem se fez mais copioso, borbulhando-lhe dos olhos tristes. Todavia, ansiosa por defender-se contra a perspectiva de solidão, perguntou ainda:

— Mas... e meu irmão?

— Ninguem volta do cativoiro das galeras — respondeu Justino com um olhar significativo.

Abigail levou as mãos pequeninas ao peito, desejando afogar a propria dôr. Os gonzos de velha porta rangeram vagarosamente e o seu inesperado protetor exclamou apontando a rua movimentada:

— Vai em paz e que os deuses te protejam.

A pobre criatura não tardou a sentir o isolamento entre as fileiras de transeuntes que cruzavam, apressados, a via pública. Habituada aos carinhos domésticos, no lar onde o idioma paterno substitua a linguagem das ruas, sentiu-se estranha no meio de tantas criaturas inquietas, assoberbadas de interesses e preocupações materiais. Ninguem lhe notava as lágrimas, nenhuma voz amiga procurava inteirar-se das suas intimas angústias.

Estava só! Sua mãe fôra chamada por Deus, anos antes; seu pai acabava de succumbir covardemente assassinado; o irmão prisioneiro e cativo, sem esperanza de remissão. Apesar do sól do meio dia, tinha a sensação de intenso frio. Deveria regressar ao ninho doméstico? Mas, com que fim, se haviam sido expulsos? A quem confiar sua enorme desdita? Lembrou-se de uma velha amiga da familia. Procurou-a. A viúva Sostônia, muito afeiçoada á sua mãe, recebeu-a com o sorriso generoso da sua velhice bondosa.

Desfeita em pranto, a infortunada contou-lhe todo o sucedido.

A veneranda velhinha, acariciando-lhe a cabeça anelada, falou comovida e amargurada:

— Nas perseguições passadas, nossos sofrimentos foram os mesmos.

E dando a entender que não desejava reviver antigas e dolorosas reminiscências, Sostênia acentuou:

— E' indispensavel o máximo de coragem nas situações penosas como esta. Não é facil elevar o coração em meio de tão terriveis escombros; mas é preciso confiar em Deus nas horas mais amargas. Que contas fazer, agora que todos os recursos desapareceram? Por minha vez, nada posso oferecer-te, senão o coração amigo, pois tambem aqui estou por esmola da pobre familia que me agasalhou caridosamente na última tempestade da minha vida.

— Sostênia — disse Abigail suspirando — meus pais me prepararam para uma existencia de corajoso esforço proprio. Estou pensando em recorrer ao legado e suplicar-lhe um cantinho da nossa chácara para ali viver uma vida honesta, na esperança de reaver Jeziél e sua fraterna companhia. Que pensas a respeito?

Notando a indecisão da veneranda amiga continuou:

— Quem sabe o questor Licínio se condoerá da minha sorte? Minha resolução talvez o enterneca; voltarei para casa e levar-te-ei comigo. Ser-me-las uma segunda mãe para o resto da vida.

Sostênia conchegou-a de encontro ao coração e acentuou de olhos húmidos:

— Minha querida, tu és um anjo, mas o mundo ainda parece propriedade dos máus. Viveria contigo eternamente, minha boa Abigail; entretanto, não conheces o Legado nem a sua camarilha. Ouve, filha! E' preciso que fujas de Corinto, de modo a não incidires em mais duras humilhações.

A moça fez uma exclamação de abatimento e, depois de longa pausa, acrescentou:

— Aceitarei teus conselhos, mas, antes de qualquer providencia, necessito voltar á casa.

— Para que? — interrogou a amiga admirada. — E' imprescindivel que partas, quanto antes. Não voltes ao lar. A' esta hora, é possivel já esteja ocupado por homens sem escrúpulos, que te não respeitariam. Convem-te uma atitude de sincera fortaleza moral, pois vivemos uma época em que necessitamos fugir da perdição, como Loth e seus familiares, correndo o risco de sermos transformados em estátua inutil, se olharmos para trás.

A irmã de Jeziél bebia-lhe as palavras com dolorosa estranheza, em face do imprevisto da situação.

Passado um momento, Sostênia levou a mão á frente, como a recordar uma providencia oportuna e falou com animação:

— Lembra-te de Zacarias, filho de Hanan?

— Aquele amigo da estrada de Kencrées?

— Ele mesmo. Fui informada de que, em companhia da espôsa, prepara-se para deixar definitivamente a Acaia, por haver sido assassinado, nestes últimos dias, o seu unico filho, pelos romanos irresponsaveis.

Confortada por ardente esperança, concluia com ansiedade:

— Corre á casa de Zacarias! Se ainda o encontras, fala-lhe em meu nome. Pede-lhe acolhimento. Ruth é um coração generoso e não deixará de estender-te as mãos generosas e fraternais; sei que ela te receberá com afagos maternos!...

Abigail tudo ouvia, parecendo indifferente á própria sorte. Mas Sostênia fê-la considerar a necessidade da iniciativa e, decorridos minutos de consolações reciprocas, a jóvem sob o calor causticante das primeiras horas da tarde, pôs-se a caminho para Kencrées, dando a impressão de um automato que vagasse na estrada, a que vários veiculos e inumeros pedestres imprimiam consideravel movimento. O porto de Kencrées ficava á certa distancia do centro de Corinto. Situado de maneira a servir ás comunicações com o Oriente, seus bairros populosos estavam cheios de familias israelitas, fixadas de longa data nas regiões da Acaia ou em

transito para a capital do Império e adjacencias. A irmã de Jeziél chegou á casa de Zacarias, dominada por terrível abatimento. Aliado á vigilia da última noite e ás angústias do dia, penoso cansaço fisico lhe agravava os desalentos. Pernas trôpegas, a relembrar o pai morto e o irmão prisioneiro, não reparava em si propria, no mísero estado do seu organismo enfêrmo e desnutrido. Somente ao defrontar a modesta morada do amigo, verificou que a febre começava a devorar-lhe as entranhas, obrigando-a a refletir nas suas dolorosas necessidades.

Zacarias e Ruth, sua mulher, atendendo ao chamado receberam-na espantados e aflitos.

— Abigail!...

O grito dos dois revelava grande surprêsa, com o aspecto da jóvem, despenteada, face esfogueada, olhos fundos e vestes em desalinho.

A filha de Jochedeb, perturbada pela fraqueza e pela febre, rojou-se aos pés do casal, exclamando em tom lancinante:

— Meus amigos, tende piedade do meu infortúnio!... Nossa boa Sostênia lembrou-me vosso afeto, no transe doloroso por que passo. Eu que já não tinha mãe, tive hoje meu pai assassinado e Jeziél escravizado sem remissão. Se é verdade que partireis de Corinto, levai-me, por compaixão, em vossa companhia!

Abigail abraçava-se agora á Ruth, ansiosamente, enquanto a amiga a acarinhava entre lágrimas.

Soluçante, a jóvem relatou os fatos da véspera e os tristes episódios daquele dia.

Zacarias, cujo coração paterno acabava de sofrer tremendo golpe, abraçou-a com afeto e amparou-a sensibilizado, exclamando solícito:

— Dentro de uma semana voltaremos á Palestina. Ainda não sei bem onde nos vamos fixar, mas nós que perdemos o filho querido, teremos em ti uma filha amada. Acalma-te! Irás conosco, serás nossa filha para sempre.

Incapaz de traduzir seu jubiloso agradecimento, ato-

mentada pela febre alta, a jóvem ajoelhou-se, em pranto, procurando externar sua gratidão carinhosa e sincera. Ruth tomou-a ternamente nos braços e, qual desvelado anjo maternal, conduziu-a a um leito macio, onde Abigail assistida pelos dois amigos generosos delirou três dias, entre a vida e a morte.